



LIBERDADE, VIOLÊNCIA, RACISMO E DISCRIMINAÇÃO: NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS E QUILOMBOLAS DA MESORREGIÃO CENTRO-SUL DA BAHIA /BRASIL

Raquel Souza¹

Resumo: O usufruto da liberdade é intrínseco aos direitos sexuais e reprodutivos. A questão central, neste trabalho, é como a noção de liberdade, violência e do racismo/discriminação se articulam à condição social, de gênero, raça/etnia. O artigo objetiva analisar concepções sobre liberdade, violência, racismo, discriminações e violência presentes nos discursos de mulheres negras e quilombolas, inseridas numa relação conjugal, na mesorregião centro-sul da Bahia. A pesquisa mais ampla, de natureza qualitativa, aborda questões sobre a saúde sexual e reprodutiva de mulheres, a partir de um recorte de gênero e raça. Foram utilizadas entrevistas de 40 mulheres negras e quilombolas em união conjugal há, pelo menos, um ano. Os discursos foram analisados a partir do software NVIVO 9. Os sentidos e significados em relação à liberdade e concepções de racismo podem estar relacionadas tanto à questão do racismo no Brasil, historicamente vivenciado por mulheres negras no cotidiano, como às questões especificamente culturais dos grupos de mulheres em foco nesse estudo.

Palavras-chave: gênero; raça/etnia; saúde reprodutiva; direitos sexuais.

FREEDOM, VIOLENCE, RACISM AND DISCRIMINATION: NARRATIVE OF BLACK AND MARRON WOMEN IN SOUTHWEST OF BAHIA/BRAZIL

Abstract: Reproductive health is related to the enjoyment of the freedom intrinsic to sexual and reproductive rights. The central question in this work is how the notion of freedom, violence and racism/discrimination are linked to social status, gender, race/ethnicity. The aim: to analyze conceptions/social representations, conceptions of freedom, violence, racism and discrimination present in the speeches of black and maroon women, set in a marital relationship. The research is qualitative and approaches reproductive issues of women, from a gender and race cropping. Were interviewed 40 black and maroon women in conjugal union for at least one year. We analyzed the reports from the NVIVO software. The speech differences regarding freedom and racist conceptions may be related either to the issue of racism in Brazil, historically experienced by black women in daily life, as the specifically cultural issues of women's groups in focus in this study.

Key-words: gender; race/ethnicity; and reproductive health.

LIBERTÉ, LA VIOLENCE, LE RACISME ET LA DISCRIMINATION: NARRATIVES DE FEMMES NOIRES ET MARRONES DU SUD-OUEST DE BAHIA/BRESIL

¹ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1993), graduação em Licenciatura em Ciências Sociais pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1997), mestrado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (2000) e doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (2004). Atualmente é colaboradora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia no programa de pós-graduação *strito-senso* em Relações Étnico-Raciais e Contemporaneidade e pesquisadora da Universidade de São Paulo (FSP-USP). É professora associada do IMS-CAT/UFBA desde outubro de 2006.



Résumé: La santé reproductive se rapporte à la jouissance de la liberté intrinsèque aux droits sexuels et reproductifs. La question centrale de ce travail est de savoir comment la notion de liberté, la violence et le racisme / discrimination sont liés au statut social, le sexe, la race / ethnicité. L'objectif: analyser les conceptions / représentations sociales, les conceptions de la liberté, de la violence, le racisme, la discrimination et la violence présente dans le discours des femmes noires et marron, fixés dans une relation conjugale. La recherche est de nature qualitative et aborde les questions de procréation des femmes, d'une coupure de sexe et de race. Ils ont interviewé 40 femmes noires et marrons en union conjugale depuis au moins un an. Les rapports ont été analysés par le logiciel NVivo. Les différences de parole avec la liberté et opinions racistes peuvent être liés à la fois à la question du racisme au Brésil, historiquement vécue par les femmes noires dans la vie quotidienne, tels que les questions spécifiquement culturelles des groupes de femmes en bref dans cette étude.

Mots-clés: le sexe ; la race/ethnicité et la santé reproductive.

LIBERTAD, VIOLÉNCIA, RACISMO Y DISCRIMINACIÓN: NARRATIVAS DE MUJERES NEGRAS Y QUILOMBOLAS DEL SUDOESTE DE BAHIA-BRASIL

Resumen: La salud reproductiva se relaciona al usufructo de la libertad intrínseca a los derechos sexuales y reproductivos. La cuestión central, en este trabajo, es como la noción de libertad, violencia y de racismo-discriminación se articulan a la condición social, de género, raza-etnia. El objetivo: analizar concepciones-representaciones sociales, concepciones sobre libertad, violencia, racismo, discriminaciones y violencias presentes en los discursos de mujeres negras y quilombolas, inseridas en una relación de pareja. La pesquisa es de naturaleza cualitativa y aborda cuestiones reproductivas de mujeres, a partir de un recorte de género y raza. Fueron entrevistadas 40 mujeres negras y quilombolas en unión de pareja, por lo menos, un año. Los discursos fueron analizados a partir del software NVIVO. Las diferencias de discurso en relación a la libertad y concepciones de racismo pueden estar relacionadas tanto a la cuestión del racismo en Brasil, históricamente vivenciado por mujeres negras en el cotidiano, con las cuestiones específicamente culturales de los grupos de mujeres en el blanco en este estudio.

Palabras-clave: Género; Raza-etnia y salud reproductiva

INTRODUÇÃO

O “reconhecimento de si e do outro” em diferentes níveis de nossa existência inclui dimensões da nossa personalidade, da diferença entre diferentes comunidades, grupos sociais nos quais estamos inseridos. Tal reconhecimento é possível quando há condições equânimes para o exercício de direitos e da cidadania. O mesmo reconhecimento se conecta a vivência cotidiana do autorrespeito, autoestima e potencializa a autoconfiança (Honnet, 2003, 2007).

As proposições de Axel Honnet (2003), que por sua vez retoma tese hegeliana e aspectos desenvolvidos pela obra de George Mead, são importantes pontos de apoio teórico neste trabalho. A compreensão dos sentidos e significados dados à liberdade e discriminação/racismo no cotidiano de mulheres negras e quilombolas residentes na mesorregião centro-sul da Bahia é propiciada, nesse artigo, por uma abordagem



qualitativa de pesquisa. A liberdade, violência, racismo e discriminações, por conseguinte, estão interligadas às diferentes dimensões de reconhecimento de si e do outro. Necessárias aos grupos, aos indivíduos imersos na vida cotidiana, permitem a compreensão de como se dá a exclusão de direitos e seus efeitos no cotidiano. Tendo as mulheres negras e quilombolas como sujeitos de sua própria história, enfocamos a construção de si e do outro face ao necessário “reconhecimento” para a construção de identidades autônomas e autodeterminadas.

Quadro 1. Estrutura das relações sociais de reconhecimento

ESTRUTURA DAS RELAÇÕES SOCIAIS DE RECONHECIMENTO			
MODOS DE RECONHECIMENTO	DEDICAÇÃO EMOTIVA	RESPEITO COGNITIVO	ESTIMA SOCIAL
Dimensões da personalidade	Natureza Carencial e afetiva	Imputabilidade moral	capacidades e propriedade
Formas de reconhecimento	Relações Primárias (amor, amizade)	Relações jurídicas (direitos)	Comunidade de valores(Solidaderidade)
Potencial Evolutivo	--	Generalização/materialização	Individualização/igualização
Auto-relação prática	Autoconfiança	Autorrespeito	Autoestima
Formas de desrespeito	Maus-tratos e violação	Privação de direitos e exclusão	Degradação afensa
Componentes ameaçados da personalidade	Integridade física	integridade social	"Honra", dignidade

Fonte: Honnet, Axel. Luta por reconhecimento. São Paulo: Editora 34, 2003.

Este quadro da obra de Honnet (2003,2007) organiza estruturas de reconhecimento desde as questões da subjetividade às demandas da vida pública e social. O conjunto de reflexões produzidas por Honnet trata questões filosóficas importantes para a compreensão da gramática social, na qual são engendradas dimensões psíquicas, sociais, econômicas, políticas e culturais. É na intersubjetividade que há o reconhecimento de si e do outro e que os direitos são construídos. A linguagem e seu uso é o ponto de ligação, o canal de acesso aos diferentes níveis de realidade e é assim que tanto a afirmação como a negação de diferentes tipos de direitos são possíveis de ser apreendidos numa gramática social, constituída também de conflitos, violência, racismo, sexismo e desigualdades sociais.

Nesse sentido a obra de Honnet (2003,2007) é fundamental por permitir a compreensão dessas estruturas sociais em diferentes níveis de realidade, além de auxiliar na compreensão das questões abordadas nesse artigo em um nível filosófico.



Junto a essas questões somam-se as diferenças imbricadas no “jogo” das relações de “genero e raça/etnia.

As diferenças e seus marcadores sociais podem ser valorizados por perspectivas ideológicas díspares (Hall, 2014). De uma perspectiva conservadora a diferença pode ser naturalizada e ser um marcador social de estigmatização social, ou um elemento importante para a constituição de cidadania, identidades visíveis e relacionadas a conquistas de direitos (Hall, 2014).

Além disso, outras questões teóricas se fazem necessárias para a compreensão do racismo/discriminações e mesmo a violência no Brasil. A construção do ‘ser negro’ numa perspectiva histórica fez-se através das desigualdades raciais, processos de dominação, escravização. Desse modo o ‘ser negro’ é antes uma denominação dada pelo homem branco e imposta aos denominados “negros” (Santos, 2005).

A identidade negra, entretanto, passou por processos de transformação cultural, social, econômica e política, adquirindo outros sentidos. Estudar as relações raciais no Brasil requer a submersão nos sentidos e significados tecidos no cotidiano e compreender categorias “êmicas” que vigem no cotidiano (Santos, 2005).

A obra de Pierre Bourdieu (2004) “Coisas Ditas” também nos orientou na constituição do arcabouço teórico metodológico desse artigo, principalmente no que diz respeito à codificação e análise das narrativas. O conceito de *habitus* e a definição de espaço social de Bourdieu (2005) trazem para a análise a noção de estruturas sociais, de pensamentos e modos de agir produtores de um sentido incorporado ao discurso.

Uma experiência de pesquisa semelhante foi concluída em 2004 com mulheres residentes na cidade de São Paulo. Na ocasião foi percebido que há uma decalagem na expressão e vivência da liberdade, do racismo, das discriminações e no exercício de direitos entre mulheres negras e brancas. As concepções de liberdade refletiam realidades distintas para os diferentes grupos de cor, escolaridade e renda (Souzas, 2004).

Partindo dessa mirada, visamos interpretar, no entremeio, as narrativas de mulheres negras e quilombolas residentes na mesorregião centro-sul da Bahia. Nessa perspectiva, a hermenêutica assume um papel importante na construção do repertório analítico.

CONJUNTO DE NARRATIVAS E ASPECTOS METODOLÓGICOS



Para o estudo mais amplo foram entrevistadas aproximadamente 190 mulheres, distribuídas por grupos de raça/cor e escolaridade, das quais utilizamos 40 entrevistas de mulheres autotranscritas como negras (pretas e pardas) e quilombolas de diferentes grupos de escolaridade. Para a seleção dos discursos/narrativas utilizamos o critério de “saturação” sobre o tema de análise proposto nesse artigo (FLICK,2009). Os nomes das nossas interlocutoras foram omitidos por questões éticas e de confidencialidade.

O presente trabalho foi realizado após a aprovação no CEP da UESB-Jequié (protocolo 075/2010). O software de dados qualitativos NVIVO 9 foi usado para organizar as informações obtidas. A técnica para a coleta de dados foi a “bola de neve”, a partir da qual uma pessoa indica a outra em iguais condições. Desse modo foi se constituindo grupos a partir de certa identificação entre os pares.

A pesquisa foi realizada na mesorregião centro-sul da Bahia. Essa região contém inúmeras características que a distanciam daquelas atribuídas ao Recôncavo e a capital (Salvador). Segundo Luiz Vianna Filho (2008) em sua obra “O Negro na Bahia”, os negros do sertão construíram uma trajetória, história e identidade distanciadas da capital e do recôncavo por ser mais pobre, ter vegetação e clima mais “duros”. E foi a rudeza da vida no sertão, elemento comum, que tornou todos “iguais” em sorte e proporcionou um sentimento de pertencimento comum.

A imersão no contexto da mesorregião centro-sul da Bahia permitiu avaliar como as questões relativas à liberdade e autonomia se expressavam na vida das mulheres negras e quilombolas, bem como o racismo e as discriminações de gênero e raça. Tudo isso, claro, levando em consideração os pressupostos teóricos de construção de sujeitos sociais e de suas identidades, direitos e reconhecimento de si e do outro, produzidos na intersubjetividade.

A entrevista aberta tematizou vários assuntos, entre eles os aqui abordados. Todas as entrevistas foram realizadas por entrevistadora treinada em pesquisas qualitativas. A rede de entrevistados partiu inicialmente da própria entrevistadora.

As perguntas buscaram a compreensão e identificação do racismo no cotidiano pela entrevistada. A explicitação e o relato da vivência de uma situação de discriminação mostraram-se extremamente dolorosas. Isso se explica, em parte, pelo foco da pesquisa, direcionada às relações mais próximas, a família, vizinhança e relacionamentos afetivos.



IDENTIFICAÇÃO E VIVÊNCIA DO RACISMO NO COTIDIANO - RELACIONAMENTOS AFETIVOS

A vivência do racismo é extremamente dolorosa para essas mulheres pelo fato de ocorrer nas relações afetivas ou mais próximas. O reconhecimento de si e do outro é crucial para uma vida livre e plena em direitos. A desqualificação de si pelo outro pode ser catastrófica porque pode destruir sentimentos de (auto) confiança, afetividades e vínculos afetivos.

Muita gente mesmo. Tem gente quem não quer né? Gente assim que case com gente preta. Igual a [...] mesmo minha cunhada quando **casou com o [...] era um futuqueirão, o povo não queria que fosse moreno** e a [...] era branca e tudo, mas acabou casando e tá vivendo bem. A [...] minha irmã, que eu tenho um cunhado preto, beleza o marido dela e ela disseram que não troca o marido dela por outro, ninguém, é o moreno dela mesmo [**Negra, ensino fundamental**] [1].

Ai, eu vejo... Ai, meu Deus! É... Tipo assim, **fala assim “ah, aquele negro”, “Ô, mas ah cê viu aquele negro “Estava num fedor...” ou fala assim, ou fala assim, se ele tiver andando na rua, “Ui, aquele negro ali” já pensa que é um assaltante”. Entendeu? Já vi várias, várias vezes isso, entendeu?** Assim, já aconteceu comigo, não discriminar, mas já aconteceu deu tá passando e vê uma pessoa morena e **já achar que aquela pessoa ali é, por ser daquela cor, a gente já fica com aquele medo, entendeu? Não nos... Não demonstrando! Mas passando pela mente** [**Negra, ensino fundamental**] [2].

Não, mais eu já vi pessoas da minha família falar assim: ‘a aquela pessoa negrinha e num sei o que’, eu já vi ‘aí creio deus pai, como que casa com uma pessoa daquele jeito, preto, o homem igual um carvão’ isso aí é discriminação assim não vê o caráter e sim a questão da cor, falando: ‘não sei que graça acha numa pessoa daquela é igual um carvão preto, é feio como é que vai casar com aquela pessoa não tem nada’, tem discriminação por a pessoa ser de outro jeito [**Negra, ensino médio**] [3].

[A sra. já sofreu alguma discriminação ou já presenciou?] “não pra mim não. Já presenciei quando eu comecei quando comecei não **quando eu passei a morar com meu marido a família dele começou a discriminar me chamava de negrinha que eu era seca, teve gente ate que falou que eu tinha AIDS mais ele brigou com a família e eu briguei com a minha mais agente venceu.**” [A sra tomou alguma atitude em frente a essa situação?] “eu até pensei em levar pra justiça ai eu pensei que num levava ao caso e também eu num tinha prova ficava assim um me disse não disse né ai eu falei quem cala vence eu num briguei com eles só discutia que gente viver na casa da gente e ser pisado, ai passou ficou pra trás.” [E hoje a sra acha que eles ainda lhe discriminam?] “Não mudou, mudou muito, eu fiquei dois anos dois anos não muito mais que dois [**Negra, quilombola**][4].

PERCEPÇÃO DE SI E DO OUTRO



A percepção de si e do outro destaca a relação intersubjetiva. Dessa mirada é possível balizar como se dão as relações no cotidiano das mulheres entrevistadas. Ao mesmo tempo permite a compreensão do fluxo da narrativa individual e em grupos de entrevistadas.

As narrativas de mulheres negras e quilombolas sobre si e sobre os “outros” se estabelecem primeiramente pelo filtro nos quais são atribuídas maneiras de agir distintos para “mulher” e “homem”. Ao se referirem a uma coletividade imaginada de “mulheres” ressaltam a vaidade e formas de provocar o desejo nos “homens”. No trecho da narrativa, a seguir, a vaidade é um recurso que pode ser dispensado também pela mulher em particular. É por assim dizer uma “atitude” própria de grupos de “mulheres”, no qual a narradora necessariamente não se inclui. Constrói, por assim dizer, uma possibilidade de existência diferenciada de uma identidade feminina, tida em sua referência, demarcada pelos usos dos predicados e adereços como “*brincos, cremes, perfurme*”.

Ah, eu acho também, vai das mulheres, às vezes as muié gosta de brinco na orelha, eu não gosto dessas coisas, acontece que eu não uso creme, só uso esse anelinho por que home só embeleza assim, quando a muié tá mais cheirando, mas eu não tenho essas coisas pra eu cheirar, entendeu? Tem home que é assim, gosta da muié mais cheirosa, "perfumada", mais cremada, brinco na orelha, mais eu não tenho, eu não gosto de usar isso aí, e como que eu vou usar? Eu não tenho fantasia com isso, esse brinco mesmo que Tatiane tirou aí eu uso isso aí e tem home que só gosta dessas coisas assim e tudo e comigo não vai, não gosto”
[Negra, ensino fundamental] [5].

VIVÊNCIA DA DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO

As discriminações de gênero vivenciadas por mulheres negras e quilombolas se apresentam em dois tempos históricos: “antigamente” e “tempos de hoje”, demarcada por um tempo geracional que inclui mães e avós. A discriminação de gênero se apresenta emaranhada ao exercício da maternidade. A capacidade da mulher “em si” se expressa pela “força da mulher”, nos domínios da casa, no cuidado da família e vêm conjugados ao privilégio divino da maternidade.

Hoje em dia é muito bom, porque **antigamente** a gente era um pouco discriminada, mulher não pode fazer isso, mulher não pode fazer aquilo, e **a mulher provou que ela tem a mesma capacidade que o homem** de fazer tudo ela supera qualquer tipo de dificuldade, mesmo sabendo que nós mulheres somos mais fortes que homens na doença em tudo falando, é justamente por



isso que Deus deu o privilegio da gente ser mãe que a gente superar qualquer dificuldade hoje na vida da gente a gente tem a mesma capacidade que o homem tem, a gente faz o mesmo trabalho que ele, até mais bem mais feito, e a mulher é tão forte que a mulher trabalha fora de casa e ainda chega a casa e ainda tem o animo de fazer as coisas, de cuidar das coisas de cuidar dos filhos e o homem não, geralmente o homem só tem aquele trabalho dele lá fora, em casa é muito difícil, mais a maioria dos homens é assim, só tem aquele trabalho de fora e a mulher não, é fora e em casa” [Negra, ensino médio] [6].

Ele acha bom, mas ele fala assim "Olhe se eu ganhar na loteria, se eu ganhar tanto dinheiro você vai ficar em casa cuidando dos meninos" (rs). "Ô querido isso não vai acontecer nunca" (rsrs). Então assim, ele acha bom, mas se pudesse eu estar em casa cuidando dos meninos, arrumando a roupinha dele, não sei o 'quezinho' porque ele diz que às vezes fica tudo muito bagunçado, né. Mas assim, ele me apoia" Ah é o que você gosta", mas sempre tem um discursinho por trás. "A você não tem tempo pra mim, você chega cansada", "Você tá falando do meu trabalho?", "Não, é o que você gosta, eu lhe apoio". Mas o machismo ainda assim você sempre percebe, no fundinho. Ele fala assim comigo às vezes "Ai você (num, num) não fez nada pra me esperar", de comida, que eu detesto cozinha. Falo "Não filho eu estou esperando você pra você fazer pra gente comer" (rs). Então é pra ele eu noto que é um pouco difícil [Negra, ensino superior] [7].

As mulheres negras e quilombolas descrevem em suas narrativas um tipo de liberdade masculina, imposta por um padrão de masculinidade do tipo hegemônico, na qual a função de “esposo” e “pai” é limitada a provisão de alimentos para a família. A possibilidade de agressão e da agressividade nas situações de conflito conjugal se apresenta na narrativa a seguir, num cenário que estende o ambiente do lar às ruas, esquinas e bares da vizinhança.

Ah tem, tem, sim, por que tá acontecendo comigo mesmo. É... Meu esposo mesmo, ele é... Ele acha que, por exemplo, se ele coloca a comida dentro da casa ele tem direito de ficar lá em baixo no bar até onze horas dez e meia, e a gente não pode falar nada, então eu acho que tem muita diferença ainda, né, tem aquela coisa ainda que o homem pode tudo e a mulher nada, só que quem quiser ficar nisso que fica, mas hoje em dia fica quem quiser tá entendendo? Igual a mim, se eu estou achando que tá errado eu vou correr atrás, né? Agora mesmo, eu mais ele, nós tá quase separando por que antes de ontem eu fui atrás dele lá no bar e ele não gostou, ele foi até agressivo comigo e ontem chegou aqui onze horas da noite e eu não pude falar nada (olhos enchem de lágrimas), o que eu vou fazer é depois chamar ele e conversar pra ver se ele vai querer ter a vida de solteiro ou casado, por que a vida que ele tá tendo ele tá querendo ter as duas coisas e as duas coisas nós não temos ao mesmo tempo, se quer ser casado tem que abrir parte de alguma coisa, se quer ser solteiro vai viver a vida de solteiro por que do jeito que tá não dá, eu já aguentei muito mais agora eu vou procurar os meus direito, mas isso ainda existe muito, é diferente [Negra, ensino fundamental] [8].



CONCEPÇÕES DE LIBERDADE

A autonomia e a liberdade em contraponto às demais situações nos dá um horizonte, uma perspectiva de como as mulheres negras e quilombolas vivenciam seus direitos e cidadania. A liberdade, mais especificamente, a vivência da liberdade pode ser experienciada em níveis muito limitantes do exercício da cidadania e dos direitos conquistados pelas mulheres no mundo atual. Tais concepções ofertam uma visão mais ampla sobre a vivência do racismo e das discriminações. Pode-se dizer que todos esses elementos estão imbricados de tal modo no cotidiano das mulheres negras e quilombolas entrevistadas que o impacto do racismo e das discriminações vivenciadas só pode ser compreendido quando problematizado a partir de diferentes perspectivas, construídas na intersubjetividade.

Direito de escolha, né? Que antigamente a gente não tinha né? Eram muito submissas ao homem, submissa às leis, as vontades soberanas, né? Hoje em dia **a escolha, a liberdade** ... Acho que é o maior direito que conseguimos até hoje e temos que lutar pra continuar porque tão querendo barrar já, né? **Pra continuar, a mulher estudando, a mulher votando, a mulher se virando sozinha, sem ter que depende... Agora tá muito desigual** ainda, sempre em firma, mesmo cargo, a mulher sempre ganha menos que o homem, em muitos aspectos ainda tá, tá bem assim... Tem o preconceito, né? Velado mas tem, mas é isso aí... [Negra, ensino fundamental] [9].

Eu acho que [funga] pelo fato dessa liberdade, né, essa liberdade de tal forma, assim, **a liberdade hoje tá muito grande, eu acho que os casamentos tão durando cada vez menos**. Justamente por essa liberdade demais, igual eu tinha comentado inicialmente, né? A existência da total liberdade, o marido fazer o que bem quer, você faz o que bem quer, eu acho que isso deixa a pessoa sujeita a muita... Propensa a muita coisa né, tipo assim, homem sai o final de semana, à noite, até durante a semana, né, sai com os amigos, tem... As mulheres hoje tão cada vez mais né? Assim, dá em cima e tudo e isso pode, pode gerar, isso depende muito do comportamento, do perfil de cada um. **Mas pode gerar uma traição**. E, assim, pela liberdade de fazer o que bem quer, sair pra onde bem quer, fazer o que bem quer, eu acho que isso acaba deixando os relacionamentos muito, assim... Muito abertos, muito soltos, eu acho que isso gera uma péssima convivência. Assim, não que é uma péssima convivência, mas acaba deixando o relacionamento muito solto, e isso acaba gerando muito, muito... Muito divórcio, né? Hoje as pessoas casam, tem pessoas que com três meses, seis meses, um ano tá separando. Então o índice de divórcios aumentou bastante. A separação aumentou muito. [funga] Depois dessa liberdade total [risos][Negra, ensino superior] [10].

MIRANDO A LIBERDADE E A AUTODETERMINAÇÃO

No conjunto de narrativas percebemos que ser identificado nos relacionamentos afetivos como negro ou demais denotativos, implica ter menor valor nos jogos amorosos, seja homem, seja mulher. Ana Claudia Lemos Pacheco (2006) analisou a



questão da afetividade de mulheres negras em Salvador e a solidão enunciada anteriormente por Berquó (1987). Tal dado demonstrado por Elza Berquó em pesquisa sobre a nupcialidade da população brasileira, já apontava a questão em termos demográficos (Berquó, 1987).

Aparentemente a força das relações cotidianas na construção da identidade subjetiva modelam pensamentos e modos de agir. Desse modo o racismo e sexismo podem ser introjetados, como uma mulher negra descreve ao se perceber discriminando outra pessoa negra [2]. Isso se relaciona diretamente ao descompasso entre a visão de si e a visão que os outros constroem sobre o que é ser negro e mulher hoje. Identidades engendradas no mundo contemporâneo e no pensamento ocidental por forças sociais impõe uma dominação cultural (material e simbólica) sobre os povos de origem africana (Santos, 2005).

No presente trabalho as concepções de liberdade estão quase sempre descritas em relação de assimetria à liberdade masculina, que é qualificada como mais ampla. Ao mesmo tempo, a conquista da liberdade representa a possibilidade de distanciamento da vivência conjugal, da afetividade sexual, como descrito nas narrativas 9 e 10. Com isso as mulheres vivem uma situação paradoxal, na qual precisam atender as demandas da contemporaneidade, ao mesmo tempo têm que trabalhar para dar curso as suas vidas, a família e estar atentas para não abandonar a vivência da conjugalidade, o que poderia causar uma separação (Souzas, 2000; 2004).

A dupla ou tripla jornada é claramente descrita como um elemento constante no cotidiano dessas mulheres. O discurso masculino que descrevem, corrobora a ideia “idílica” de que se houvessem as possibilidades econômicas, o trabalho feminino seria dispensado, em razão das mulheres ficarem “cansadas” e pouco disponíveis para os maridos.

A liberdade como um valor para o exercício da sua existência, para o desenvolvimento de suas potencialidades não se apresenta como uma questão marcante. Em contrapartida, o racismo e a discriminação, são percebidos no cotidiano nas relações familiares, de vizinhança, no espaço do trabalho e demais espaços públicos, como descritos nos trechos [1],[2],[3] e [4].

O discurso sobre essas questões e mesmo a definição do racismo parte da observação das relações ao redor de si. A vivência do racismo, nem sempre, é algo que se vê no Outro, na maioria dos casos,. Dentre as várias mulheres entrevistadas apenas



uma reporta situação em que foi vitimada pelo racismo. Por que é tão difícil pensar-se como vítima do racismo, por que ele está sempre no Outro?

Em “Sofrimento de indeterminação” Honnet (2007) nos apresenta três dimensões distintas, mas interligadas, do reconhecimento. Uma primeira dimensão refere-se às relações primárias de “amor”, “afeto” e “amizade”, diz respeito à esfera afetiva. Uma segunda dimensão diz respeito às relações jurídicas, fundadas em “direitos”. Relaciona-se também a dimensão moral, na qual a pessoa é reconhecida como “autônoma e moralmente imputável e desenvolve sentimentos de autorespeito”. A terceira dimensão é fundamentada em valores de solidariedade social, por onde é possível obter autorealização e a autoestima. As narrativas das mulheres negras e quilombolas desvelam as estruturas sociais engendradas nas desigualdades de gênero, raça/cor e condição social no cotidiano.

É possível, via construção discursiva, apreender as relações com o outro, a percepção de si e a compreensão das relações de forças que moldam a realidade e conformação de modos de agir e o próprio pensamento. A liberdade individual, segundo Honnet (2007) está interligada às práticas de interação intersubjetiva. Tais práticas e laços intersubjetivos, se construídos em condições de injustiça, alimentam o curso de indeterminação dos sujeitos nas várias dimensões de sua vida. Finalmente, a percepção de liberdade está relacionada ao outro e em como esse outro é espelhado em nós.

As nossas entrevistadas narram situações em que o exercício da liberdade está condicionado à vivência da submissão de gênero, diretamente relacionada ao pouco exercício de autonomia e autodeterminação.

O feminino negro, em especial, está inscrito numa situação paradoxal.. A mulher negra, na construção social da família negra no Brasil, nunca pôde eximir-se de participar, contribuir, ser proativa na manutenção do lar. Ao mesmo tempo, as ideologias higienistas, em particular, impuseram à mulher a centralidade nos cuidados domésticos e dos filhos. Frente a isso a mulher negra nem sempre pode se afirmar como provedora, ter suas capacidades e potencialidades reconhecidas e festejadas. Teve que cultivar o “recato”, recusar certas vaidades como diz a narradora [5]. Isso é coerente com nossos achados em 2000 e 2004.

Em 2004, constatamos que as mulheres negras de escolaridade universitária buscavam um tipo de liberdade dentro da conjugalidade traduzidas para padrões de conjugalidade mais contemporâneos, nos quais há uma maior vivência da autonomia e



autodeterminação das mulheres. De uma perspectiva interseccional, percebe-se que há um certo descompasso entre mulheres negras e brancas em razão dos contextos históricos e legados históricos diferenciados, que se explica pela vivência do racismo, que se expressa nas estigmatizações e estereótipos experimentadas nos diferentes níveis da vida cotidiana e pública

Ao relacionarmos isso à obra de Honnet (2003,2009) é possível afirmar que tal descompasso resulta da vivência ou ausência de direitos e de reconhecimento em vários níveis da vida pública e privada, na vida íntima e na comunidade local ou ampla.

O (auto)cuidado consigo e com o outro acaba por ser uma prática de resistência e de reconstrução da cidadania para mulheres negras. Digo isso inspirada por Bell Hooks (2000;2013). A vivência do afeto livre do racismo e do sexismo, instala-se como uma importante bandeira política para reconstrução da linguagem dos afetos dentro, entre e com as comunidades negras. A vivência do amor passa a ser também uma questão política, que precisa ser reescrita, em outro patamar, na ordem social e dos afetos públicos e privados em nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratar das expressões do racismo e das discriminações no cotidiano das mulheres negras e quilombolas residentes na mesorregião centro-sul da Bahia, constatamos o quão difícil é perceber-se como objeto de racismo/discriminações. E quando é possível “falar” sobre a situação vivida nas dimensões da vida afetiva. As narrativas vêm envolvidas em expressões de sofrimento pessoal e misturadas a convicções pessoais de que somos iguais, independente de raça/cor, gênero ou posição social. Nesse ponto há um descompasso entre o que se crê ser justo e o que se vive no cotidiano.

Ainda que imersas em narrativas construídas com elementos linguísticos que traduzem certa naturalização e divinização da sua condição biológica, seja como “mãe”, seja como pessoa “negra”, é possível afirmar que as condições de justiça não estão asseguradas para que haja o desenvolvimento de pessoas moralmente livres e iguais em direitos, em pleno exercício da cidadania.

Para o desenvolvimento das condições de justiça no campo da afetividade, é necessário o desenvolvimento de condições sociais, políticas e culturais, que permitam a expressão das diferenças e do compartilhamento de ideias e valores éticos e morais



condizentes a uma sociedade democrática. Na contemporaneidade, a necessária pluralização dos sujeitos titulares de direitos em diferentes níveis, é uma condição básica para a vivência da democracia. Segundo Arendt (1994, 2012, 2014) o pensamento totalitário potencializou o uso da violência contra os diferentes, ou aqueles tidos como indesejáveis socialmente.

O uso da violência no mundo moderno, segundo Arendt (1994, 2005) é o avesso do poder em um Estado de Direito, numa sociedade democrática.

Sem abordar o problema do racismo, violência, discriminações e a autonomia/liberdade, vivenciadas e percebidas em diferentes níveis de realidade, incluindo aí a afetividade, não é possível avaliar o grau de invisibilidade e de não reconhecimento imposto às mulheres negras e quilombolas.

A abordagem da vivência da afetividade e os seus desdobramentos em diferentes níveis de realidade implica numa nova visão analítica e conceitual, bem como uma nova abordagem das políticas sociais e de combate ao racismo, violência e discriminações. Muito já foi superado, como indicam as mulheres nas narrativas, mas há muito ainda a ser conquistado para que mulheres negras e quilombolas possam vivenciar a liberdade/autonomia e autodeterminação.

A complexidade das relações sociais no mundo contemporâneo, as transformações econômicas e sociais, a injeção de novos e diferentes atores sociais no jogo da vida democrática, o surgimento de novos e diferentes sujeitos sociais e as demandas por direitos, faz surgir novas possibilidades de expressão social, inclusive na vida afetiva. E as mulheres negras e quilombolas, antes negligenciadas, inclusive no campo de possibilidades afetivas, veem-se hoje frente a novas perspectivas. A luta pela visibilidade e conquista dos direitos empreendidos, ao longo dos séculos, prenuncia uma nova “mirada” às mulheres negras e quilombolas na qual seja possível a vivência livre dos afetos.

REFERÊNCIAS

- ARENDR, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 1994.
- _____. *A condição humana*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Forense Universitária, 2014.
- _____. *As origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo e totalitarismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora HUCITEC, 2006.



BERQUÓ, Elza Salvatore. *A nupcialidade da população negra no Brasil*. Campinas (SP): NEPO/UNICAMP, 1987(Textos NEPO 11).

BERQUÓ, Elza. Demografia da desigualdade: algumas considerações sobre os negros no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP* N° 21, julho de 1988 pp. 74-84.

BOURDEIU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

_____. *Razões práticas*. Campinas,SP: EDITORA PAPIRUS, 2005.

FLICK. Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Fazenda Santo Antônio, São José – SC: EDITORA PENSO, 2009.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Editora Lamparina, 2014

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra,2001

HONNET, Axel. *Luta por reconhecimento*. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. *Sofrimento de indeterminação*. São Paulo: Editora 34, 2007.

HOOKS, Bell. *Feminist theory: from margin to center*. Cambridge, MA: South end Press Classics, 2000.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*.São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. Raça, gênero e relações sexual-afetivas na produção bibliográfica das Ciências Sociais Brasileiras - um diálogo com o tema. *Afro-Ásia* [online] 2006.

SANTOS, Gislaine Aparecida dos. *A invenção do ser negro: um percurso das ideias que naturalizam a inferioridade dos negros*. Rio de Janeiro: PALLAS Editora, 2005.

SOUZAS, Raquel. *Relações raça e gênero em jogo: a questão reprodutiva de mulheres negras e brancas*. Tese (Doutorado em Saúde Pública), Universidade de São Paulo: São Paulo, 2004.

_____. *Sob o signo de Marte: relações conjugais, gênero e saúde reprodutiva no discurso de mulheres de baixa renda*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

VIANNA FILHO, Luiz. *O negro na Bahia (um ensaio clássico sobre a escravidão)*. Salvador: EDUFBA, 2008.

*Recebido em Janeiro de 2015
Aprovado em Maio de 2015*